



Castelhanos 1971
Uma excursão memorável
(09 a 18 de abril de 1971)

Hélio Shimada (sócio nº 23 do CEU)

Participantes: Cecília de Castro Torres (Ciça, *in memoriam*), Cláudio de Almeida Amaro (Rã), Fábio Pinto Coelho, Hélio Shimada, Honório de Mello Sylos Jr. (Kiko), Maria Thereza Temperini, Miguel Gukovas, Paulo Rogério Pinto Coelho e Sérgio Pinto Coelho (Ô meu).

Na manhã do dia 9 de abril de 1971, um grupo de celestes se reuniu na plataforma de embarque da rodoviária de São Paulo. Ainda era a rodoviária antiga, perto da estação da Luz. O terminal rodoviário do Tietê ainda não existia. Era o início da primeira excursão do recém-fundado CEU à praia de Castelhanos, na Ilha de São Sebastião. Eu freqüentava o CEU desde setembro do ano anterior, já havia ido ao PETAR e a Itatiaia, treinava escalada no Jaraguá aos domingos e havia feito o curso de caça submarina com o Osvaldo. Por outro lado, aquela era a primeira atividade no CEU para alguns participantes, e os conheci apenas na hora do embarque, como foi o caso da saudosa Ciça, do Fábio e do Sérgio. A Ciça, então caloura da Biologia, assistiu a uma palestra-propaganda sobre o CEU que fizemos no Instituto de Biociências – USP e resolveu experimentar. O Fábio e o Sérgio foram trazidos pelo irmão Paulo Rogério, que começou a freqüentar o CEU por minha influência. O Paulo era meu colega de turma na Física-USP e “fiz sua cabeça”. Como todos sabem, ele virou celebridade no mundo dos escaladores de alta montanha, e tive um papel nisso. O Kiko e o Miguel estavam no terceiro ano da Politécnica. A Thereza estava no terceiro ano da Bio-USP. O Sérgio era calouro da engenharia da FAAP. O Rã era aluno da FEA-USP. O Fábio era também aluno de engenharia da FAAP.

Após as recomendações do Sr. Walter, pai da Ciça, sobre cuidados a tomar na viagem, tomamos o ônibus no rumo de São Sebastião, chegando no início da tarde. Após um lanchinho, pegamos a balsa para Ilhabela e iniciamos a caminhada em direção a Castelhanos. Na época, havia estrada somente até perto da crista da serra que divide os lados leste e oeste da ilha. Depois, havia uma trilha, segundo informações, usada pelos pescadores de Castelhanos e raros aventureiros como nós. Nenhum de nós conhecia o caminho. No começo da caminhada, fomos acompanhados pelo garoto Jean Pierre e sua irmãzinha, da qual não me lembro do nome, filhos do dono da Fazenda da Toca, que voltavam da escola.

Depois da Fazenda da Toca, a estrada é mais íngreme e estava cheia de capim crescido no leito, além da invasão do mato lateral. Não havia sinais de trânsito de veículos. Nessas condições, eu nem imaginava que, dez anos depois, chegaria a Castelhanos dirigindo um *Chevette* e encontraria a praia cheia de carros e de gente.



Thereza, Miguel, Paulo e Sérgio "Ô meu" esperando a balsa em São Sebastião.



Cláudio "Rã", Ciça, Fábio e Sérgio na balsa a caminho de Ilhabela.

Nosso ritmo era lento devido ao excesso da carga e à falta de conforto das mochilas nacionais da época, feitas de lona verde e com finas alças de couro, que machucavam os ombros. Como não tinham barrigueiras, elas se deslocavam lateralmente justamente em terrenos acidentados, desequilibrando os usuários. A Thereza, ainda inexperiente em caminhadas, como os demais, levava uma sacola nas mãos, além da mochila, o que dificultava muito a sua caminhada. Não havia sacos de dormir no mercado nacional, de forma que fomos obrigados a levar lençóis e cobertores. Uma das barracas do grupo, chamada *Campestre* se não me falha a memória, era uma geringonça de lona grossa, dessas de cobrir caminhão, com uma pesada armação de aço similar à estrutura de um guarda-chuva. A barraca, de inspiração militar, não tinha piso e nem sobreteto. O conjunto pesava uns 20 kg, com transporte em separado da lona e da armação. Os rapazes se revezavam para carregar as partes da barraca, nos braços. Montada, a barraca parecia uma tenda árabe. A outra barraca, mais leve, para duas pessoas, era estrangeira e tinha sobreteto e forro no piso. Para completar, alguns borrachudos já nos atacavam.

Quando passamos pela entrada da Fazenda da Toca, já estava escurecendo. Antes do final da estrada, estava completamente escuro. Achávamos que a trilha a seguir era boa, bem marcada. Estávamos redondamente enganados. Chegando ao final da estrada, preparamos um jantarzinho rápido (sopa com bolachas, se me lembro), comemos e, lá pelas 20 h, entramos numa trilha suja, estreita, que simplesmente sumiu antes da crista da serra. Isso na completa escuridão da mata, que nossas míseras lanternas pouco iluminavam. Se as apagássemos, não dava para ver um palmo diante do nariz, pois estava nublado e não havia luar para ajudar. Para completar a desgraça, os pernilongos atacavam de todos os lados e imensas teias de aranhas grudavam nas nossas caras. Felizmente, ninguém entrou em pânico devido às aranhas. Naquele pedaço de Mata Atlântica quase intocada, havia um grande risco de pisar numa jararaca ou numa urutu, que costumam sair à noite para caçar, mas aquele bando de estudantes nem se lembrou disso. Encontrar uma trilha perdida naquela mata, no escuro, carregando muito peso, era tarefa impossível, mas continuamos insistindo, andando em várias direções, sempre morro acima. Inexperientes, não tínhamos nem um facão para abrir caminho. Madrugada avançada, o cansaço bateu em todos.

Resolvemos parar e dar uma cochilada. Deitamos onde foi possível. Felizmente, não choveu durante a noite, de forma que nem montamos as barracas.



Cláudio “Rã” no trecho de “estrada”.

Notar a alça fina, de couro, da mochila, que machucava os ombros.

Amanheceu e lá estávamos nós, ainda, naquele meio de mato. Nem havíamos chegado à crista da serra. Os pernilongos, embora ainda atacassem, cediam espaço aos famintos e numerosos borrachudos. Mal sabíamos que isso era apenas uma amostra da feroz *BAF* – *Borrachudo Air Force* que encontraríamos em Castelhanos. Tomamos a refeição matinal e seguimos adiante, na tentativa de encontrar a sonhada trilha para Castelhanos. Mesmo com a luz do dia, não encontrávamos a trilha, e andamos como jumentos de carga durante horas, varando mato no peito. Por volta de 14 h, já muito perto do topo da serra, finalmente encontramos a trilha. Ao chegarmos à crista, foi com imensa alegria e alívio que vimos o mar do lado leste da ilha. Parecia pertinho, mas levaríamos ainda umas boas horas para chegar lá. Descemos pela trilha, embalados, quase correndo; melhor, quase rolando, com muita vontade de chegar à praia. Esquecemos até do cansaço.

Chegando à parte plana do terreno, fomos para a esquerda, cruzando o rio. Decidimos nos acomodar na extremidade norte, onde ficavam o barracão de pesca e a casa do “Seu Pedro”, pescador. Foram aproximadamente 24 horas de caminhada entre a balsa e a praia. Era final de tarde, mas ainda deu para tomar um banho de mar antes de preparar o acampamento e o jantar. Esses poucos minutos de exposição do corpo à *BAF* foram suficientes para amargar consequências por vários dias. Fomos ferozmente atacados por uma nuvem de borrachudos; a mais densa que havíamos visto até então. A gente mergulhava e, quando colocava a cara acima da superfície, dava para ver logo uma nuvem daqueles pequenos, famintos e malditos dípteros, concentrados em vôos rasantes, prontos para nos sugar o sangue. Em terra, alguns desses terríveis micro-vampiros sugavam tanto sangue, que viravam uma “bolinha” avermelhada e acabavam caindo ao solo, incapazes de voar.

Matamos centenas deles, a tapas, mas a *BAF* tinha um muito eficiente sistema de reposição de “baixas”, não reduzindo em nada a intensidade do ataque. Pareciam uns “Kamikazes” alados.

O jantar foi outro acontecimento memorável. As meninas, Thereza e Ciça, resolveram preparar uma macarronada. Naquela época, ainda não existia o instantâneo *Miojo*, sendo necessário fazer o macarrão à moda clássica. Porém, o que ninguém sabia é que as duas nunca haviam feito uma macarronada. Assim, encheram a panela com água fria, colocaram o macarrão dentro e ferveram. Nem umas gotinhas de óleo colocaram. Não deu outra; o resultado foi uma “massa” de macarrão de aspecto bem estranho. Podíamos ter estendido aquela “coisa” e feito um “arremedo” de lasanha ou de pizza, mas acabamos devorando a gororoba em “tabletes” com molho de tomate e salsicha mesmo. O “tablete de macarrão” serviu para aplacar a fome e ninguém passou mal depois.

Depois do jantar, armamos as barracas e “desmaiamos” de cansaço, apesar da imensa coceira das picadas de borrachudo. A barraca maior, aquela pesada, foi armada sobre a areia, muito próximo ao mar na maré alta. Besteira de gente inexperiente. De madrugada, seus ocupantes, todos os rapazes do grupo, acordaram banhados por uma onda que lavou o interior da barraca com uns 10 cm de água. Um baita susto e um auê danado, com todos encharcados e cheios de areia até nos ouvidos, mudando a barraca de lugar em plena madrugada.

Amanheceu sem mais incidentes, e preparamos a refeição matinal com chá, leite, bolachas, etc. Foi nessa hora que o grupo percebeu a dimensão do estrago que os borrachudos haviam feito em nossos corpos. Eram centenas de picadas em cada um. Meus pés estavam tão inchados, que jamais caberiam na bota que havia usado na caminhada. Tive até febre. O pé do Kiko parecia ser o mais picado e escorria sangue em suas canelas, mas havia pouco inchaço. Depois disso, todos passaram a ficar bem vestidos na praia, apesar do calor danado. Nas partes expostas, passávamos *Repelex*, que pouco protegia. Parecia até que os valentes sugadores da *BAF* até gostavam de sentir o gosto do repelente. Eu inventei uma maneira de proteger as orelhas e a parte posterior do pescoço, usando uma camiseta como turbante, fixando-a na cabeça com um cinto elástico. Assim, ganhei o apelido de “*Lawrence da Ilhabela*”. Só tirávamos as roupas na hora do banho de mar. Uma vez despidos, era preciso correr até a água, para não sermos impiedosamente “metralhados” pela *BAF*. Fazer necessidades fisiológicas, principalmente a “número 2”, era tarefa complicada, com a *BAF* atacando impiedosamente as “partes”. Depois, a coceira era intensa em lugares meio complicados para coçar...

Dez anos depois, presenciei um sujeito de Manaus que, chegando a Castelhanos, ficou “dando sopa” só de sunga, dizendo que era acostumado a esses bichos porque vinha da Amazônia. Arrependeu-se amargamente. Ficou parecendo uma bola cheia de pintinhas vermelhas. Teve um “piripaque” alérgico e precisou até de medicação. Depois de formado na Geologia-USP, fui trabalhar na Amazônia, e vivi mais de 5 anos acampado em plena selva, entre Pará, Amazonas, Rondônia e Mato Grosso, mas não vi nenhum lugar

que tivesse maior densidade de borrachudos por metro cúbico de ar do que em Castelhanos!!! O manauara descuidado nem imaginava isso.

Ainda na manhã do dia 11, Miguel e Rã saíram para o primeiro mergulho de caça submarina, beirando a costa do lado esquerdo da praia. O tempo, bom há dias, fez com que a água estivesse cristalina e calma. Foi com enorme satisfação que soubemos, pouco tempo depois, que comeríamos muito peixe durante a semana. Os dois caçaram vários exemplares de bom tamanho logo na primeira saída, totalizando uns 10 kg. Os peixes foram temperados com limão e sal e assados na brasa. Uma delícia!

Os excursionistas atuais talvez julguem politicamente incorreta a caça submarina praticada em Castelhanos; porém, cabe observar que não foi desperdiçado um único pedaço de peixe e a dificuldade em caçá-los era maior do que pescá-los com linha e anzol. Além disso, a caça era seletiva e muito menos predatória do que a pesca com rede (só eram caçados os exemplares maiores). Depois, o ambiente ficaria por longo período sem a presença dos caçadores submarinos, tendo tempo para se recuperar. Talvez nem a pesca artesanal, dos raros pescadores locais daquela área, fosse capaz de causar danos significativos ao ambiente marinho da época.



Miguel, Cláudio “Rã” e Paulo Rogério e a farta caçada submarina em Castelhanos.



Cláudio “Rã” com o produto da caça do dia.

À noite, o prato principal foi também peixe assado, sem “tablete de macarrão”. Reunimo-nos em volta de uma fogueira, sentados em troncos secos, e continuamos a assar os peixes. A comilança e a conversa estavam bem animadas. Num dado momento, o Kiko deu um berro e pulou para trás. Uma enorme aranha caranguejeira, que estava escondida num monte de galhos secos, sentindo-se ameaçada pelo calor da fogueira e pela presença humana, saiu e subiu em seu pé. Se fosse hoje, com o pessoal mais habituado a esses bichos, ela talvez tivesse sobrevivido; porém, na ocasião, levou logo uma paulada, por puro impulso. Não me lembro quem foi o “assassino”. Depois, a aranha foi colocada sobre o pé do Kiko e a fotografei.

Eu mesmo revelei e ampliei a foto e a coloquei num concurso na USP. Ganhei um belo troféu de terceiro lugar.



Foto: Hélio Shimada (1971)

A aranha no pé do Honório.



Hora da bóia na praia. Fábio, Thereza, Miguel e Paulo. Dando “sopa” para a BAF...

Os dias seguintes foram de exploração da região. Fomos à praia do Gato, logo a norte de Castelhanos, muito bonita, mas onde o mar é muito bravo, impossível de tomar banho. Visitamos um antigo engenho de cana ao lado da trilha pela qual chegamos. Mergulhamos bastante ao longo do “costão” norte de Castelhanos, onde era possível ver muitos peixes e, também, colher enormes mexilhões grudados nas pedras submersas. Miguel e Rã continuaram bem sucedidos em suas investidas de caça submarina, pegando até belas lagostas. Um dia, mergulharam na desembocadura do rio e arpoaram robalos de bom tamanho. Vimos, espantados, uma cadelinha do “Seu Pedro” mergulhar uns 2 m no rio e pegar um enorme lagarto escondido sob uma pedra. No mesmo rio, mergulhei e dei um “rasante” no fundo, e cutuquei um grande caranguejo semi-enterrado na areia, que ficou furioso e me perseguiu, querendo arrancar um pedaço da minha barriga. Cabe observar que não havia mais nenhum “forasteiro” na praia a não ser nós. Nenhum maluco se atrevia a varar o mato, como nós, para chegar àquele lugar quase paradisíaco. Só não é o paraíso por causa dos borrachudos...

Uma coisa bem legal nessa excursão foi o bom entrosamento dos participantes. As tarefas eram distribuídas e cumpridas sem problemas por todos. As conversas eram sempre animadas e o bom humor estava sempre presente. Rimos muito o tempo todo, até nos momentos difíceis. O pessoal se manteve bem sóbrio o tempo todo, pois não havia uma única gota de bebida alcoólica, e nem onde comprar bebidas por perto.

Memorável foi o dia em que apareceu um cardume de peixes-porco na praia, junto ao “costão”. Subimos nas pedras com linha e anzol para pescar alguns dos “porquinhos”. A água cristalina nos permitia ver bem os peixes, de forma que dava para escolher os maiores e abaixar o anzol perto de suas bocas. Foi um farta pescaria, de dezenas de peixes. Deu um trabalho danado tirar o duro couro dos “porquinhos”, mas o assado a seguir valeu mesmo a pena. Uma delícia!

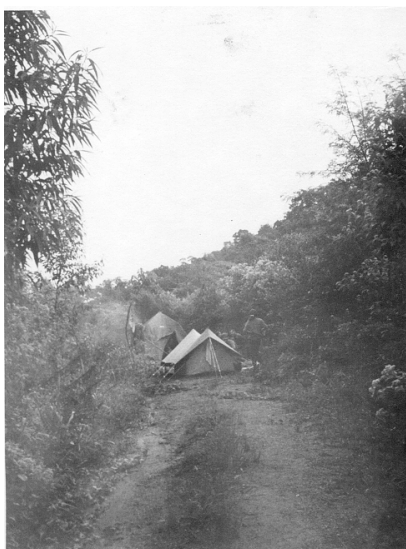


Thereza no antigo engenho de cana.

Como tudo tem um começo e um fim, chegou o dia do regresso, no dia 16 de abril. Até aí, meus pés já haviam desinchado e pude calçar as botas sem problemas. Levantamos acampamento no meio da tarde e pegamos a trilha rumo ao lado oeste da ilha.

A caminhada, embora cansativa, não teve maiores incidentes até perto da crista da serra. O tempo, que estava nublado quando saímos de Castelhanos, fechou de vez e começou um “toró” danado. A trilha, que virava uma canaleta de solo argiloso em alguns trechos, virou uma corredeira escorregadia, dificultando mais ainda a subida que já não estava fácil. Logo escureceu, e nossas lanternas já não iluminavam nada. O jeito foi acender velas e prosseguir, mas era complicado mantê-las acesas naquela chuva. Só a Thereza tinha alguma proteção contra chuva. Ela havia juntado saquinhos plásticos de leite e costurado um modelito mais ou menos impermeável de capa de chuva. Naquela época, havia capas de chuva no mercado, mas não os bons *anoraks* e *parkas* hoje comuns. Os demais ficaram encharcados até os ossos. O pior mesmo foi ter molhado a barraca de lona grossa. Ela passou a pesar uns 5 kg a mais por conta disso e coitado de quem a carregava nos braços ou nos ombros. Era uma coisa cilíndrica de uns 30 cm de diâmetro por 1,5 m de comprimento, sem uma única alça para segurar. Um verdadeiro “trambolho”. Mesmo com essas dificuldades, viramos a crista e chegamos à estrada, pois não havia condição de fazer uma parada e acampar naquela encosta íngreme e cheia de mato. Na estrada, resolvemos parar, armar as barracas e dormir. Não dava para continuar daquele jeito. A chuva continuava torrencial e não era possível ver nada naquela escuridão. Além disso, o cansaço da subida naquelas condições era intenso em todos. Já era madrugada do dia 17 e armamos as barracas no meio da estrada, para um longo sono.

Amanheceu, tomamos o café e tentamos secar as roupas, meias e botas numa fogueira. Tudo ficou apenas meio-seco e com um tremendo cheiro de defumado. Levantamos acampamento lá pelas 10 h e iniciamos a descida rumo à balsa, sob sol forte. A descida não teve maiores incidentes, a não ser topar com uma enorme cobra-cipó. Não vimos nenhuma serpente venenosa na viagem.



As barracas armadas no meio da estrada.



Paulo, Thereza e Sérgio no café da manhã no acampamento no meio da estrada.



Honório e Cláudio tentando secar roupas e botas após a noite passada na estrada.

Chegando à fila da balsa, tentamos carona para São Paulo. As meninas logo conseguiram uma carona com uma família, até a porta de casa. Os rapazes, pelo contrário, nada conseguiram até o anoitecer, quando acabou o movimento de carros na balsa. Depois, fomos tentar carona num posto de combustíveis na saída de Caraguatatuba para a subida da serra. Passamos a noite no posto, sentados em bancos de Kombi, com fome, pois não havia nenhum boteco aberto por perto e a nossa comida já havia terminado. E não conseguimos carona, e não havia ônibus direto para São Paulo naquela hora. O jeito foi pegar um ônibus até São José dos Campos e, desta, pegar outro até São Paulo.

Apesar de todas as dificuldades enfrentadas na excursão, todos gostaram muito e, no balanço geral, serviu para forjar o espírito excursionista nos participantes, ficando para sempre na memória de todos. Todos, exceto o Fábio, se tornaram aventureiros de mão cheia. Tirando a Ciça, que lamentavelmente nos deixou em 1985, os demais continuam ativos.

São Paulo, 04/08/08

Hélio Shimada - helio.shimada@gmail.com